

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO: ANÁLISE CONCEITUAL DESTA ÁREA DE INTERVENÇÃO EDUCOMUNICATIVA

Iasmin Araújo Bandeira Mendes¹
Lígia Beatriz Carvalho de Almeida²

RESUMO

Este artigo trata de uma análise bibliográfica relativa ao conceito de mediação tecnológica na educação, uma das sete áreas de intervenção do campo de conhecimento recém-consolidado Educomunicação. A Educomunicação surge na intersecção das áreas Educação e Comunicação, levando em consideração as frenéticas mudanças ocasionadas, no mundo contemporâneo, pelas tecnologias digitais. Para fazer este estudo foi necessário refletir sobre o termo “Mediação”, que já foi estudado tanto na Educação, por Vygotski; Oliveira (2010), Feurestein (1998); quanto na Comunicação, por Signates (1998); Martin-Barbero (2003); Martin Serrado (1973); Wottirich, Silva e Ronsini (2009). Foi necessário também contextualizar a formação do campo Educomunicação e da área de intervenção em questão, para isso nos embasamos em Soares (2000), Almeida (2016), Levy (1999), Hall (2006). Esta pesquisa contribui para uma maior consolidação desta área de intervenção e, conseqüentemente, do campo de conhecimento como um todo, de modo a respaldar futuras pesquisas nas áreas da Educomunicação, Educação, Comunicação e demais áreas das ciências humanas ou ciências sociais aplicadas que perpassem esta discussão.

Palavras-chave: Educomunicação; Área de Intervenção; Mediação; Mediação tecnológica.

INTRODUÇÃO

Este estudo parte da inquietação relativa às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e de que forma essas atingem a maneira de ensinar e aprender dos alunos, a educação e a escola, esta que, além de estar contida na sociedade geral, é, ela própria, uma micro sociedade.

É com essa consciência - de que é na escola que se apresenta, muitas vezes, a sociedade, as diferenças e a interação para as crianças - que objetiva-se melhorá-la, desenvolvê-la. Acreditamos na educação como a maior possibilidade de desenvolvimento de uma nação e dos seus cidadãos. Segundo Moirieu (2010, p. 13),

[...] se devêssemos ter um indicador do grau de democracia de uma nação, não seria impossível considerar a existência de debates pedagógicos e a existência de pedagogos que se interrogam sobre a formação que convém dar à criança e sobre o modo de chegar a isso, como indicadores particularmente significativos.

¹ Educomunicadora pela Universidade Federal de Campina Grande, mestranda em Linguagens e Ensino pela mesma universidade; iasminabmendes@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho professora titular do curso de Educomunicação na Universidade Federal de Campina Grande; ligiabia@gmail.com

Por compreender, como afirma Paulo Freire, que a esperança não basta, desenvolvemos este trabalho para contribuir com a adequação das salas de aula com a sociedade contemporânea e fomentar uma educação mais inclusiva, mais interessante e mais humana.

Os estudantes do ensino básico, atualmente, são o que Veen e Vrakking (2009) conceituam enquanto *Homo Zappiens*. O que significa que seu envolvimento com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) já é inerente à geração na qual nasceram. Por isso, tornou-se inevitável que essas tecnologias adentrem o ambiente escolar.

Prensky (2001) categoriza as pessoas considerando suas relações com as tecnologias enquanto: (a) nativos digitais, aqueles que pertencem à geração que sabe falar a língua da tecnologia digital, com os computadores, os videogames, a internet (SILVA, 2013, p.141) por terem nascido envolvidas por essas linguagens e (b) imigrantes digitais, aqueles que começaram a usar essa linguagem (digital) mais tarde na vida, que conservam algum sotaque e têm lembrança da cultura anterior, em que foram socializados (SILVA, 2013, p.141).

Para que os professores e demais profissionais da educação - imigrantes digitais - absorvam as habilidades, que os nativos digitais já têm, de utilizar a tecnologia como extensões de si (Cf. MCLUHAN, 1969), se faz necessário compreender e aplicar o conceito de mediação tecnológica.

Entende-se que a integração de tecnologias por parte dos educadores não é suficiente para a necessária transformação da educação. Muito mais que isso, é necessário que no ambiente escolar o professor torne-se mediador de toda a informação, discurso e possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais.

Espera-se, com a realização desse trabalho, contribuir para uma maior consolidação da área de intervenção Mediação Tecnológica na Educação e, conseqüentemente, do campo de conhecimento como um todo, de modo a respaldar futuras pesquisas nas áreas da Educomunicação, Educação, Comunicação e demais áreas das ciências humanas ou ciências sociais aplicadas que perpassem esta discussão.

METODOLOGIA

Este artigo consiste na análise bibliográfica minuciosa acerca do conceito de Mediação Tecnológica na Educação. Para isto, foi necessário conceituar o campo de

conhecimento Educomunicação, apontando conceitos importantes nesta área como Ecossistemas Comunicativos e Áreas de Intervenção.

Posteriormente, adentrou-se a área de intervenção em que se tem foco neste estudo, a Mediação Tecnológica na Educação. Para uma compreensão mais profunda deste termo, foi necessário focar em um dos vocábulos, “mediação”, e recorrer a estudos anteriores de teóricos dos campos da educação e da comunicação sobre este conceito.

Ao longo do estudo, recorreremos também a textos sobre tecnologia e educação, o que permitiu formar o panorama final desta pesquisa. A seguir, didaticamente, dividimos o desenvolvimento do texto em dois tópicos: 1. Educomunicação; 2. Mediação Tecnológica na Educação e 3. Mas, afinal, o que é mediação?. Os resultados e a discussão não pode ser dissociada destes dois tópicos, uma vez que se trata de um estudo estritamente bibliográfico.

1 EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação é um campo recém-consolidado da Comunicação Social, que tem como objeto de estudo o processo comunicativo nos espaços educacionais. É comum que a Educomunicação seja relacionada somente à mídia ou às escolas, o que é extremamente reducionista em relação a esta área do conhecimento.

A Educomunicação abrange o conceito de comunicação desde a comunicação interpessoal até a comunicação em rede. Segundo Costella (2002, p. 237), “no mundo da comunicação, o homem caminhou do um ao bilhão”, a Educomunicação busca intervir nestes dois extremos e em toda a extensão de conceitos existente entre eles. Trata de capacitar as pessoas ao diálogo – lembrando Freire, quando afirma que “só o diálogo comunica” (FREIRE, 1987) –, mas, também, de compreender de que forma as mídias massivas têm impactado a sociedade.

A educação, por sua vez, não é limitada, neste campo, às escolas. De acordo o artigo 1º da Lei 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB),

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

Compreende-se que todo espaço em que haja interação e possibilidade de aprendizagem é (ou tem capacidade de se tornar) um espaço educativo. Desta forma, compreende-se a educação nos contextos formal, informal e não-formal (BRADA; RIOS, 2004, p.35).

Quadro 1 - Educação formal, não formal e informal

	Conceito	Exemplos
Instituições formais de ensino	<i>Instituições cujo objetivo explícito é ser espaço de ensino-aprendizagem. Formalizadas por órgãos superiores.</i>	Creches Escolas Universidades
Intervenções educativas não formais	Organizadas a partir de objetivos explícitos de formação ou ensino, mas fora do sistema do ensino regulamentar.	Educação no tempo livre Auto-escolas <i>Escolas de idiomas</i>
Vivências educativas informais	Vivências difusas e penetrantes sem objetivo explícito de educar.	Espectáculos Propagandas Relações de amizade

Fonte: Adaptação do texto introdução ao documento “A cidade educadora” da prefeitura de Barcelona. I Congresso Internacional das Cidades Educadoras. 1990. p. 13 (*apud* BRADA; RIOS, 2004, p.35). Em itálico, contribuições da autora.

Percebemos que a educação é uma área muito mais ampla que o ambiente escolar e que deve ser pensada de forma plural, para atingir e transformar a sociedade como um todo, aqueles que estão em idade escolar ou não.

Em síntese, quando falamos de educação, não a reduzimos à instituição escola, mas, de agora em diante, vamos entendê-la como um processo complexo que se desenvolve em múltiplos espaços. A tarefa educativa, portanto, não se centraliza em um só sujeito histórico, como o professor, mas institui outros atores (BRADA; RIOS, 2004, p. 35).

Para esses diversos contextos, em Educomunicação, destrincha-se o conceito de ecossistema comunicativo. O ecossistema comunicativo tem se tornado, segundo Martin-Barbero (2011, p. 125), tão vital quanto o ecossistema ambiental. Trata-se de espaços, físicos, ou não, onde haja interação entre sujeitos e possibilidade de construção de conhecimento.

Para Soares (2000, p. 63), o ecossistema comunicativo é um conceito chave para a Educomunicação, uma vez que ele define Educomunicação como:

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, a Educomunicação busca transformar ecossistemas comunicativos

em ecossistemas educacionais, ou seja, espaços em que comunicação seja democrática e dialógica.

Para isso, a Educomunicação atua em sete áreas de intervenção, todas com um objetivo em comum: utilizar a comunicação para fomentar a educação e a cultura.

Quadro 2 - Áreas de intervenção em Educomunicação

Área	Objetivos
Educação para a comunicação	<i>Capacitar participantes (quanto à técnica e ao conteúdo) a desenvolver comunicação dialógica.</i>
Pedagogia da comunicação	Usar recursos da comunicação para facilitar a construção de conhecimento
Expressão comunicativa através das artes	Dialogar através das artes.
Produção midiática	Produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa
Mediação tecnológica na educação	Desenvolver ações com tecnologia inserida na educação, <i>a partir da mediação.</i>
Epistemologia da Educomunicação	Estudar o campo da Educomunicação
Gestão da comunicação	Implementar e otimizar fluxos de comunicação <i>com intencionalidade educativa</i> em ecossistemas comunicativos

Fonte: Adaptação do quadro produzido pela profa. Dra. Lígia Almeida (2016). Em itálico, autoria própria.

2 MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO

A Mediação Tecnológica trata da inclusão de recursos tecnológicos nos espaços educativos e reflete de que forma eles devem ser utilizados para não se tornarem apenas apetrechos tecnicistas.

É importante compreender que a tecnologia não diz respeito, apenas, a recursos da contemporaneidade, segundo Kenski (2007, p. 15), elas “são tão antigas quanto a espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos que deu origem às mais diferenciadas tecnologias”. Não se pode considerar, portanto, que a introdução das tecnologias na educação aconteceu apenas com a introdução do computador nas escolas.

Há algum tempo, o quadro negro, o giz e o livro didático eram os recursos tecnológicos da época, visto que serviam como ferramenta para a conduta do professor. Na atualidade, novos recursos tecnológicos foram inseridos nas escolas, como: computadores, lousas digitais, *tablets*, entre outros (SOUZA; SANTOS, 2018, p. 32)

A área de intervenção Mediação Tecnológica considera as duas formas de manifestação do ecossistema comunicativo destacadas por Jesus Martín-Barbero (2011, p. 125-126): a) a sua relação com as novas tecnologias e b) o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado.

Atualmente, é impossível desconsiderar as novas tecnologias nas relações humanas em quaisquer que sejam os ecossistemas comunicativos. Inclusive, novos ecossistemas comunicativos (não físicos) de interação foram criados, o que foi denominado por Levy (1999, p. 16) de ciberespaço.

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Este novo espaço de interação, assim como toda mudança que ocorre dentro de uma sociedade, impacta na cultura deste meio. Desta forma, com a constatação da existência do *ciberespaço*, Levy (1999, p.16) identificou e conceituou *cibercultura*, que se trata do “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço*”.

A *cibercultura* tem três grandes pressupostos: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão, “para além de uma física da comunicação, [...] constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa” (LEVY, 1999, p. 127), tecendo, assim, o que Castells (1999) conceituou como sociedade em rede.

A partir das interações virtuais entre os sujeitos, surgem as comunidades virtuais, que dependem da afinidade entre usuários do *ciberespaço* e se consolidam nas redes sociais.

Por último, o terceiro pressuposto da *cibercultura* é a inteligência coletiva.

A inteligência coletiva constitui mais um campo de problemas do que uma solução. Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele (LEVY, 1999, p.131).

Quando falamos em inteligência coletiva, entendemos que o conhecimento, no *ciberespaço*, é construído coletivamente. Podemos dizer, então, que é um conhecimento complexo. Não apenas por ser oposto a um conhecimento simples, mas considerando complexo do latim *complexus*, ou seja, aquilo que é tecido junto. (MORIN, 2005, p. 39).

É importante compreender que não apenas o conhecimento construído virtualmente é complexo. A questão é que no meio digital, a interação - e comunicação - tem características peculiares, para as quais crianças e adolescentes da contemporaneidade - os *Homo Zappiens* - já desenvolvem habilidades e estratégias desde seu nascimento.

Os *Homo Zappiens* lidam com o mundo de uma forma mais dinâmica. Eles “não apenas representam uma geração que faz as coisas de maneira diferente - [são] um expoente das mudanças sociais relacionadas à globalização, à individualização e ao uso cada vez maior da tecnologia em nossa vida” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 5).

Os fatores citados por Veen e Vrakking modificam a noção de tempo e espaço na sociedade contemporânea, ou seja, há

a aceleração de processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2006, p. 69).

Diante de tudo que foi posto, Manuel Castells (1999) afirma que vivemos na era da informação, isto significa que as crianças que estão dentro das nossas salas de aula recebem uma quantidade de informação muito maior que as crianças do século passado, pois a fonte desta informação não é apenas o professor e o livro, mas também os aparelhos tecnológicos que eles carregam consigo, a televisão que assistem na hora do intervalo ou os comentários dos colegas sobre algo que ouviram no rádio a caminho da escola. Portanto, a mediação tecnológica na educação, dentro da perspectiva educacional, não se restringe a implementar a tecnologia nos ambientes educacionais, mas a compreender toda a mudança de paradigmas que envolve esta implementação, de modo a utilizar as novas tecnologias na educação de forma saudável e transformadora, a partir do conceito de mediação.

3 MAS, AFINAL, O QUE É MEDIAÇÃO?

Para isso, vê-se necessário compreender o conceito de mediação tanto no campo da educação, quanto no campo da comunicação. Partiremos do entendimento que em nenhum dos campos o conceito de mediação se restringe a ideias *behavioristas* e positivistas de intermediação, filtro ou intervenção no processo comunicativo (SIGNATES, 1998, p. 38).

O comunicador Jesús Martín-Barbero (2003, p. 258) propõe que as mediações são “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, diferentes temporalidades e pluralidade de matrizes culturais”.

Wottirich, Silva e Ronsini (2009, p. 3) concluem, a partir disso, que a mediação seria uma categoria que liga a comunicação à cultura.

As mediações são os lugares que estão entre a produção e a recepção. Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza.

Foge-se, portanto, da ideia de comunicação apenas como os meios e suas mensagens e passa-se a compreender de que forma esta comunicação interfere nas relações humanas, ou seja, na cultura.

Nesta perspectiva, dialogando com as mediações culturais de Barbero, Manuel Martín Serrano (1978) propõe a *Teoria da Mediação Social*, que estuda de que forma os meios de comunicação se estruturam para atingir seu público.

Dantas (2008, p. 5) conclui que há a seguinte variedade de mediações:

Quadro 3 – Categorização do conceito de mediação baseadas no estudo de Martín-Barbero

Estruturais	Institucionais	Conjunturais	Tecnológicas
Classe social Experiências Conhecimentos Família	Escola Igreja Política Esporte	Modo de enxergar a vida Acervo Cultural	Televisão Rádio Cinema

Fonte: Adaptação do texto de Dantas (2008, p.5)

Guillermo Orozco Gómez também reflete sobre as mediações, afirmando que “as fontes de mediação são várias: cultura, política, economia, classe social, gênero, idade, etnicidade, os meios, as condições situacionais e contextuais, as instituições e os movimentos sociais” (OROZCO, 1994, *apud* SIGNATES, 1998, p. 44).

Quadro 4 – Categorização do conceito de mediação segundo Orozco Gomes

Individual	Situacional	Institucional	Tecnológica
Reflexão do próprio sujeito	Depende dos locais que o sujeito permeia e as pessoas com quem ele se relaciona	O poder, regras, condições materiais, autoridade moral e construção de identidades exercidas por instituições sociais.	A forma como os meios tecnológicos mediam as informações que estão acontecendo externamente até os sujeitos.

Fonte: SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação**. In.: Novos olhares. 1998. n. 2. p. 37-49. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>> Acesso em: 03 jul. 2018

Diante dos estudos destes comunicadores, conclui-se que a mediação é constante no processo de interação comunicacional entre sujeitos. Afinal, o psicólogo russo Vygotsky já afirmava que “a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada” (OLIVEIRA, 2010, p.27).

Vygotsky estuda dois tipos de mediação: por instrumentos e signos, sendo que os instrumentos são materiais palpáveis e os signos são imateriais. O outro é também um elemento mediador, pois interfere na visão do sujeito sobre o mundo. Neste sentido, Feurestein (1998, p. 15) define a mediação da aprendizagem como um tipo especial de interação entre alguém que ensina (o mediador) e alguém que aprende (o mediado). Essa interação deve ser caracterizada por uma interposição intencional e planejada do mediador que age entre as fontes externas de estímulo e o aprendiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo sobre mediação, perpassando áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, podemos compreender, na área de intervenção educacional Mediação Tecnológica na Educação, pelo menos três fontes de mediação: (a) a escola enquanto mediação institucional; (b) os meios de comunicação utilizados dentro da escola enquanto mediação tecnológica e (c) os professores enquanto mediadores da tecnologia para o conhecimento/aprendizagem.

Também pode-se concluir que mediar não é apenas estar entre dois pontos (passivos) – conhecimento-aluno; conhecimento-tecnologia; conhecimento-aluno – mas atuar como elo de duas realidades ativas. O que é determinante não é aquilo que media, mas como é feita esta mediação.

Considerando toda a complexidade no conceito de mediação e trazendo para o ambiente da educação formal, questionamos até que ponto os professores e futuros professores estão sendo capacitados para atuar enquanto mediadores, no sentido mais completo – e complexo – deste termo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Campina Grande: 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/37588150-Projetos-de-intervencao-em-educomunicacao.html>> Acesso em: 03 jul. 2018.

BRADA, Anália; RIOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da Cidade Educadora. In.: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alícia (orgs.). **Cidade educadora: Princípios e experiências**. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Cidades Educadoras da América Latina, 2004.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, DF: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm> Acesso em: 11 jul. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTELA, Antonio. **Comunicação - do grito ao satélite**. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2002.

DANTAS, José Guibson Delgado. **Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martin-Barbero para o estudo de recepção**. São Luís: Intercom, 2008.

FEUERSTEIN, Reuven; FALIK, Louis; FEUERSTEIN, Rafi. **Deginitions of essential concepts and terms**. A working glossary. Jerusalem: ICELP, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação**. Campinas SP: Papirus, 2007.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>> Acesso: 06 jun. 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Desafios culturais: da comunicação à Educomunicação. In.: CITELLI, Adilson. COSTA, Maria (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOIRIEU, Phillippe. Prefácio da primeira educação canadense. In.: GAUTHIER, Cornelia; TARDIG, Maurice (Orgs.). **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Marta. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0BwSkfHMQvCWuU2RsVTVZUFJ6MGF5VFdlXzNBdDVwRUcxd0Zj/edit>> Acesso em: 02 jul. 2018.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 1. In.: **On the horizon**. v. 9. n. 5. p.1-6. set/out. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/10748120110424816>> Acesso em: 06 jul. 2018.

SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação**. In.: Novos olhares. 1998. n. 2. p. 37-49. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>> Acesso em: 03 jul. 2018

SILVA, Patrícia. A escola na era digital. In.: ABREU, Cristiano; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana. **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

SOARES, Ismar. **Educomunicação**: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social. 2000. EccoS Rev. Cient., UNINOVE, São Paulo: (v.2 n.2): 61-80 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/715/71520205/>> Acesso em 27 jun. 2018.

SOUZA, Fábio; SANTOS, Geyza. **Velhas práticas em novos suportes?** As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICS) como mediadoras do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2018.

VEEN, Wim. VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Arrmed, 2009.

WOTTRICH, Laura; SILVA, Renata; RONSINI, Veneza. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela**. Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>> Acesso em 01 jul. 2018.